

GABRIELA TORRES FERREIRA

**Educação das artes visuais em páginas singulares:
uma proposição metodológica com o livro de artista**

Brasília-DF

2012

Gabriela Torres Ferreira

**Educação das artes visuais em páginas singulares:
uma proposição metodológica com o livro de artista**

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Plásticas, habilitação em Licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília

Orientadora: Profa MSc. Rosana Castro

Brasília-DF

2012

Dedicatória

Aos meus familiares, que mostraram compreensão pelas horas abdicadas do convívio familiar durante a elaboração deste trabalho.

À minha tia, a quem devo tanto, e que tão pouco posso retribuir.

Agradecimentos

Agradeço à minha professora orientadora Rosana de Castro, pelas instruções e incentivos recebidos durante a confecção do trabalho.

Aos professores que seguiram me acrescentando conhecimentos e sabedoria e que me apoiaram durante o percurso universitário e à minha família.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
MEMORIAL.....	3
O Projeto <i>Biblioteca de bolso</i>	8
SEÇÃO 1 - DO LIVRO AO LIVRO DE ARTISTA: UM BREVE RETROSPECTO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE.....	10
1.1 Livro: contando história do que conta história.....	10
1.2 O livro de artista.....	11
SEÇÃO 2 - TEXTO E IMAGEM: VISUALIDADES NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS.....	17
2.1 - Mas afinal, o que é cultura visual ?.....	17
2.2 - A leitura visual / leitura de imagem.....	19
SEÇÃO 3 - A CRIAÇÃO DO LIVRO ÚNICO - O SUJEITO (ALUNO) QUE FABRICA. METODOLOGIA. IDENTIDADE CULTURAL.....	21
3.1 - Resumo da proposta.....	21
3.2 - Detalhamento da Oficina.....	23
3.3 - Detalhamento das atividades - Cronograma.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	29
ANEXO.....	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. <i>Voyage à l'intérieur</i> . Instalação, 2011	04
Figura 2. <i>Olhar através</i> , fotografia, 2008.....	05
Figura 3. <i>Voyage à l'intérieur</i> . Instalação autoral, 2011.....	06
Figura 4. <i>Voyage à l'intérieur</i> . Instalação autoral, 2011.....	07
Figura 5. <i>Biblioteca de bolso</i> . Org: Luciana Paiva, 2010.....	09
Figura 6. CIULLA, Erin. <i>Phase I</i> , 2005.....	11
Figura 7. Missal Romano, 1908	14
Figura 8. DUCHAMP, Marcel. <i>Caixa verde</i> , 1934	16
Figura 9. Arthur Barrio, <i>Livro de carne</i> , 1998	16
Figura 10. <i>Voyage à l'intérieur</i> . Livro de artista autoral, 2011.....	19
Figura 11. Paiva, Luciana. <i>All</i> , 2010.....	25
Figura 13. Produção dos alunos. Primeira atividade de colagens, 2011.....	34
Figura 14. Produção de aluno. Segunda atividade de colagem, 2011.....	34

Introdução

Este trabalho de Conclusão de Curso foi concebido a partir de reflexões teóricas, criações artísticas e experimentos pedagógicos sobre o livro de artista. Essas experiências foram e são direcionadas para o ensino das artes visuais na educação básica. Na perspectiva de vincular prática e teoria - questão, atualmente, muito debatida entre os teóricos ocupados com a formação de professores - pesquisamos, então, a discussão teórica sobre o livro de artista e de que modo vinculá-la à prática docente em artes visuais.

Alguns teóricos sobre a educação das artes visuais são mencionados como Ana Mae Barbosa, Jaqueline Chanda, entre outros.

Na discussão sobre o livro de artista a base teórica é calcada, principalmente, nas idéias de Paulo Silveira (2001) e Claudete Hould (1993). Os autores contribuem com teorias, conceitos e críticas fundamentais sobre o tema aqui proposto.

No que diz respeito à cultura visual e a educação da cultura visual nos referenciamos em Raimundo Martins (2007), Mitchell (1995), Buck-Morss (2007), entre outros.

Sendo assim, as discussões e reflexões geradas pelo exercício primeiro de investigar o tema proposto, tiveram como foco principal, estudar o livro de artista. Para esse estudo estruturam-se algumas perguntas: De que modo o livro de artista pode ser classificado? Quais são suas características? Quais são os códigos visuais que definem e distinguem um livro de artista de um livro convencional? De que maneira o livro de artista passa de textual para visual? O que torna o livro de artista uma obra de arte? Junto a isso, fomos delineando o desenho de uma oficina de artes visuais cujo tema está relacionado à pesquisa apresentada aqui.

Sobre a temática do livro de artista podem ser desenvolvidas propostas metodológicas que, inclusive, possam fazer vínculo entre o estudo de elementos da história da arte e a produção de arte contemporânea. Essa última ainda explora de forma bem tímida nas salas de aula da educação básica. Nesse cenário, consideramos a presente pesquisa como relevante para o contexto de modificações e adaptações que estão sendo demandadas nos ambientes escolares nesse início de século. Não só no que diz respeito ao ensino das artes, como no ensino em geral.

Iniciamos a apresentação de resultados nesse TCC com um memorial que tem o propósito de situar o leitor à nossa trajetória de construção do tema para pesquisa. De que modo, aos poucos, fomos instigadas e levadas a querer aprofundar-nos um pouco mais nas questões que escolhemos para refletir e discutir aqui.

Esse TCC é dividido em três seções, além de um memorial e de um anexo o qual expõe o início de um contato pedagógico sobre o tema apresentado. O memorial, que antecede as seções, apresenta uma transição de pesquisas que se seguiram ao longo de estudos que realizamos nas Universidades de Brasília, de Rennes 2 (França) e de Sherbrooke (Canadá). *Voyage à l'intérieur* é uma produção que se desenvolveu como transição das pesquisas tendo como objeto a janela¹ e seus espaços para o estudo do livro de artista. Esse trabalho é apresentado no memorial assim como *Olhar através*.

Ainda no memorial encontra-se referência de uma produção pedagógica realizada por Luciana Paiva. *Biblioteca de Bolso* é o nome da proposta, ainda em vigor, que trata do transporte de mini livros de artista no interior de uma mala. Os livros são produções de diversos artistas e proporcionarão a estudantes da educação básica um contato mais amplo com obra de arte sem que estes precisem deslocar-se da escola para um museu. Essa proposta tem características também presentes no trabalho aqui apresentado. Isso se deve pelos termos pedagógicos, conceituais e poéticos como o livro de artista, a idéia de viagem por uma mala, além de serem trabalhos de cunho didático.

A primeira seção apresenta uma síntese sobre a evolução do livro, seu surgimento além de conceitos sobre o livro de artista. Seria o livro de artista uma produção contemporânea nas artes visuais ou sua existência é percebida desde a antiguidade?

Na segunda seção, são abordadas reflexões sobre a leitura de imagem, a visualidade e a cultura visual. A luz destes conceitos refletimos sobre algumas questões: de que modo o olhar, a leitura e a compreensão do observador/leitor/estudante acontecem em direção ao livro de artista? De que maneira esses processos de leitura de imagem podem nos capacitar a desenvolver abordagens pedagógicas relevantes ao estudo do fenômeno histórico e visual da arte no contexto da educação em artes visuais (CHANDA, 1998, p. 74) ?

A terceira seção apresenta uma proposta de ação educacional a ser realizada no formato de oficina com adolescentes de 13 a 15 anos de idade. A proposta da oficina é a realização de um livro único por cada um dos alunos. Classificar-se-á livro único como sendo aquele de apenas um exemplar, ou tiragem.

Por fim, declaramos como objetivo geral desse TCC: planejar uma proposta metodológica de ação em educação em artes visuais fundamentada em escritos sobre livros de artista; e como objetivos específicos: identificar os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam as ações educacionais das artes visuais na educação básica brasileira na atualidade; relacionar história da arte com abordagens do ensino da arte e questões

¹ O memorial apresenta um resumo sobre pesquisas e produções realizadas no contexto deste objeto. *Olha através* é uma produção que divaga sobre conceitos filosóficos e psicológicos sobre a janela e os espaços interno e externo.

contemporâneas sobre visualidades; propor ação educacional para a educação básica que considere questões prementes e contemporâneas relacionadas ao ensino das artes visuais no Brasil.

Memorial

Voyage à l'intérieur foi uma instalação realizada enquanto eu fazia uma viagem para estudos via intercâmbio. Esta produção representa momentos de importantes acontecimentos pessoais, tornando-se uma auto-análise. Foi a partir dessa percepção que propus uma viagem poética e íntima pelo interior do Eu de cada um.

Voyage à l'intérieur (2011) é um trabalho que mescla três elementos: um livro de artista, uma mala e duas janelas. Essa instalação, exposta na cidade de Sherbrooke (Canadá), foi apresentada para conclusão de curso e obtenção do certificado em artes visuais pela Universidade de Sherbrooke.



Figura 1. *Voyage à l'intérieur*. Instalação, 2011. Sherbrooke, (Quebec) Canadá.
Fonte: Arquivo pessoal

Os elementos² que compõem *Voyage à l'intérieur*, tal como a janela, estiveram presentes em trabalhos anteriores (figura 2 - *Olhar através*). Na produção *Voyage à l'intérieur* este objeto serve como moldura. Foram utilizadas duas janelas, as quais fecham um espaço, reservando os outros elementos que contém em seu interior: o livro de artista em cima de uma mala.

A janela é um objeto que existe, normalmente, em uma casa, entre o dentro e o fora desse espaço íntimo. Bachelard (1958, p. 23) diz que "a casa é o nosso canto do mundo. [Ela é] nosso primeiro universo". E continua: "todo espaço realmente morado³/habitado tem a essência da noção de casa". Bachelard afirma que segundo estudos fenomenológicos,

² Janela, mala e livro de artista.

³ Tradução nossa. Este termo é também usado no texto *A morado do íntimo*, de Gê Orthof e Karina Dias (ver: http://www.artes.unb.br/7art/textos/ge_karina.pdf)

entre os "valores da intimidade e do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, na condição, bem entendida, de ter a casa como sua unidade e sua complexidade." (p. 23). "*maison est notre coin du monde. [Elle est] notre premier univers*". Para ele, "*tout espace vraiment habité porte l'essence de la notion de maison*" (Bachelard, 1958, p. 24). E ainda que nos estudos fenomenológicos "*valeurs d'intimité de l'espace intérieur, la maison est, de toute évidence, un être privilégié, à condition, bien entendu, de prendre la maison à la fois dans son unité et sa complexité*"⁴ (Bachelard, 1958, p. 23).



Figura 2. *Olhar através.* Produção autoral (fotografia), 2008. França/Brasil.
Fonte: Arquivo pessoal

⁴ casa é o nosso canto do mundo. [Ela é] nosso primeiro universo". Para ele, "todo espaço realmente habitado carrega a essência da noção de casa". E ainda que nos estudos fenomenológicos os "valores de intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, desde de que, bem entendido, se tenha a casa tanto na sua unidade como na sua complexidade". (Bachelard, 1958, p. 24)



Figura 3. *Voyage à l'intérieur*. Instalação autoral, 2011. Sherbrooke, (Quebec) Canadá. Fonte: Arquivo pessoal

Descobrir um ser (seu próprio eu) que se transforma e que muda. Olhar para si e perceber que houve uma transformação de personalidade e de identidade. Estas foram algumas das inquietações que nortearam as idéias de *Voyage à l'intérieur*. Refiro-me a essa produção como sendo de caráter poético e intimista. Um espaço proposto em que a análise do interior se converta em descoberta, em redes(cobrir).

A produção do livro de artista foi feita com técnicas de colagem. Utilizo cola escolar (branca e transparente) para fazer as páginas do livro. Estas páginas são placas de plástico feitas por um processo de secagem de várias camadas de cola. A colagem, no trabalho, não é entendida somente como material e técnica. Penso na colagem sob a perspectiva de mergulhar objetos neste líquido e deixar que ele seque e transforme-se em plástico.



Figura 4. *Voyage à l'intérieur*. Instalação autoral, 2011. Sherbrooke, (Quebec) Canadá.
Fonte: Arquivo pessoal

A mala serve de suporte do livro de artista. Ela tem duplas aberturas: além da tradicional que abre no meio de duas partes, a mala aqui é apresentada com uma abertura na parte superior, que emoldura o livro, além de ser uma referência à janela.

Este jogo de aberturas e fechamentos é observado em todos os objetos do trabalho (as janelas, o livro e a mala). Elementos que abrem e fecham, que estão dentro e fora, que expõem e guardam. Sendo assim, diversos autores, artistas, poetas e psicanalistas descrevem a janela sob conceitos e análises das suas aberturas e como espaço que guarda a intimidade. Anne-Laure Maison (2006) alerta que a casa é:

*un lieu de vie. Une vie que l'on imagine à la fois banale et étrange.
Un lieu intime aussi. Un lieu de l'invisible souvent. Un lieu d'histoires, de
souvenirs dont il faut franchir la porte. J'aime découvrir la maison des autres,*

*la façon dont ils en occupent l'espace, la façon dont ils se sont approprié le lieu*⁵.

Seguindo estas idéias de espaço, abertura e fechamento, Wajcman (2004) corrobora que a janela é instrumento que permite "*se rejoindre le plus lointain et le plus proche, elle se rencontre entre le monde et moi*"⁶. Sendo assim, o livro de artista se encaixa nessa abordagem, em que sua capa tem a abertura para o interior do livro. A parte que protege o livro proporciona uma abertura para sua leitura, toque e observação.

⁵ Tradução nossa: "um lugar de vida. Uma vida, que às vezes imaginamos banal e estranha. Um lugar íntimo também. Um lugar do invisível sempre. Um lugar de histórias e lembranças, o qual é preciso atravessar a porta. Eu gosto de descobrir a casa dos outros, o modo como eles ocupam o espaço e a maneira como eles se apropriam do lugar". Disponível em : <http://www.annelauremaison.com/Tableaux-d-intimites>

⁶ Tradução nossa: "encontrar o mais longe e o mais próximo, ela encontra-se entre o mundo e mim".

O Projeto *Biblioteca de bolso*

Exposta primeiramente na exposição *Obra Inventário* (2010) em Brasília, *Biblioteca de Bolso* é um projeto, ainda em vigor, portátil que tem como objetivo fazer circular alguns mini livros de artista. Diversos artistas participam do projeto como Ana Miguel, Allan de Lana, Matias Monteiro, entre outros.

Artistas são convidados a participar do projeto com seus livros únicos, de preferência em miniatura. O projeto reúne, até o momento, 31 livros que são acomodados em uma mala. A biblioteca de mini livros de artista visa a divulgação e itinerância dos trabalhos.

Biblioteca de bolso é uma proposta artística e pedagógica que tem como idéia levar às pessoas, e estudantes, os 31 livros de artista. O objetivo desse projeto é de fazer circular a mala com os objetos de arte em lugares fora de museus e galerias de arte, mas sim em escolas. Dessa maneira, a Biblioteca pode proporcionar uma aproximação de estudantes com os trabalhos artísticos.

O projeto *Biblioteca de bolso* (2010) passa a ser uma referência para o trabalho *Voyage à l'intérieur* (2011), pois existem elementos e conceitos presentes em ambos como o formato do trabalho que tem a mala como 'capa', o livro de artista e a idéia de ser uma obra portátil, de circulação que viaja⁷ até uma escola, sendo então uma circulação pedagógica.



Figura 05. Biblioteca de bolso. Produção de Luciana Paiva, Brasil, 2010.
Fonte: <http://bibliobolso.blogspot.com.br/>

⁷ Este termo é referenciado ao trabalho autoral já apresentado no memorial: *Voyage à l'intérieur*

Além do projeto Biblioteca de Bolso, fazemos referência ao trabalho de Erin Ciulla *Phase I* (2005) concebido a partir de ideias similares as da *Biblioteca de Bolso* e *Voyage à l'Intérieur* quanto ao livro de artista transportado dentro de uma mala. O trabalho de Ciulla é uma mala que contém miniaturas de livros no seu interior. Os materiais e as mídias dos livros de artista são diversos e mistos.



Figura 06. CIULLA, Erin. **Phase I**, Canadá, 2005. Dimensões: 11,4 x 22,9 x 30,5 cm.
Fonte: <http://machinchoz.canalblog.com/tag/livres%20d'artistes>

Biblioteca de Bolso é, então, além de referência, uma proposta pedagógica a ser explorada em parceria com o presente trabalho. Ambos projetos podem seguir suas ideias paralelas como metodologias de ensino sobre o livro de artista. Apresentar a mala com os mini livros de artista aos estudantes como introdução da oficina é um exemplo.

1 DO LIVRO AO LIVRO DE ARTISTA: UM BREVE RETROSPECTO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

1.1 Livro: contando história do que conta história

Os conceitos estudados para esse TCC são de diversas áreas de conhecimento como a antropologia, história, artes, psicologia. Sendo assim, livro aqui é entendido como algo que é composto por palavras, textos, diálogos impressos, normalmente, em papéis. Além destes elementos, encontram-se nos livros: imagens, ilustrações, fotografias, reproduções de pinturas, desenhos ou gravuras (xilografuras), entre outros. (CURRAN, 2003, HOULD 1993, SILVEIRA 2008). O livro tem grande importância devido à sua função de registrar histórias, teses, orações, tratados de medicina, leis, descobertas científicas, geografia, antropologia, entre outros. Com este objeto as pessoas comunicam-se pela escrita, pela imagem, por símbolos. (CURRAN, 2003).

Imagem e palavra, juntas, em uma mesma composição é uma das características de um livro e também de um livro de artista. Esta relação surge com a necessidade de ilustrar histórias. Neste contexto, a gravura tem um papel significativo na história do livro. A xilogravura, ou seja, o ato de gravar uma imagem por meio de uma matriz de madeira é muito usado na ilustração de livros. (HOULD 1993, MAXADO, 1982). A ilustração de livros é explorada por artistas gravadores desde as primeiras manutenções do livro. Antes da tipografia todo livro era gravado, talhado, desenhado em material duro. Hoje em dia podemos escolher, dentre as diversas possibilidades de fontes qual compor um texto, um livro. (HOULD 1993).

Nos registros históricos sobre o livro, estes são mencionados como objetos de luxo na Antiguidade, no Renascimento e na Idade Média. Os livros eram minuciosamente ornamentados, com encadernações bordadas, em ouro, metais nobres e pedras preciosas (figura 7). (MAXADO, 1982).



Figura 7. Missal Romano de 1908.

Fonte: <http://bordadoseretalhos.blogspot.com.br/2011/02/livro-tambem-e-obra-de-arte.html>

Logo surge a arte tipográfica com a xilogravura que aproveitava “os desenhos para fundir tipos metálicos contendo ilustrações. Surgiram as vinhetas, os ornamentos, as letras grandes de ‘caixa alta’, os filetes e outros tipos, geralmente com motivos florais.” (MAXADO, 1982, p. 12).

As características, já citadas até aqui e que compõem os livros, têm suas aparições desde seus surgimentos na história. Elas foram transformando-se e a exploração do livro como expressão artística começou a aparecer na história. Dessa maneira surgem, posteriormente, os livros de artista que conhecemos hoje.

1.2 O livro de artista

A pesquisa sobre o livro de artista, cujos resultados estão sendo apresentados aqui, iniciou-se, em 2010, durante um intercâmbio feito na cidade de Sherbrooke, Quebec (Canadá). Durante um ano tivemos a oportunidade de aprofundar conhecimentos referentes ao livro de artista neste país. Por conseguinte, seguimos a pesquisa no Brasil tendo como base a literatura e pesquisas brasileiras, além das quebequenses.

A concepção de livro de artista que estamos utilizando nesse TCC, origina-se nos estudos de Paulo Silveira (2001) e Claudette Hould (1993). Hould diz que os livros de artista são, de uma maneira geral, produções recentes. No entanto, a autora também defende que diversas definições foram atribuídas à estas produções devido a complexidade de se chegar a uma só conclusão.

Um livro é livro de artista quando ele perde seu sentido convencional, seu formato físico ou conceitual. Ele é um "livro-obra de artista, livro-objeto de arte fabricado manualmente pelo artista, de um exemplar único, de uma tiragem muito limitada, impossível ser reproduzida mecanicamente". Há também, segundo René Bonenfand (Em: *Livres d'artistes : voyons voir...au Noroît*), outros numerosos nomes para este objeto: livro bibliofílico, livro de luxo, livro de arte, belos livros, livro-objeto, livro único, etc."⁸ Ele é informal e ocupa uma posição expressiva que vai além da marca tradicional por palavras. O livro de artista é a própria criação artística, eles são os objetos de arte por eles mesmos. (HOULD, 1993).

Silveira afirma que o livro de artista *stricto sensu* pode ser tanto:

uma obra complexa como singela na sua produção formal. Mas sua fabricação será sempre finalizada com participação intensa da razão, tendo estrutura amparada por algum grau ou tipo de desenvolvimento narrativo. Modelarmente pode-se supor a existência de uma lógica narrativa compósita, com ou sem a transcrição do verbo, mas sempre com um fundamento plástico e visual assimilado não apenas de sua origem bibliomórfica, mas também de outros meios de produtos culturais, além de sua circunstância artística. (2008, p. 12)

Existem variações do livro de artista. Uma delas é o livro-objeto, também desenvolvido como uma escultura. Estas variações de livros são criadas de maneira diferenciada do livro convencional. Os formatos, a capa, o material que os compõem são diversos. Não existe regra, nem padrão para a fabricação destes livros. Outra característica é a produção unitária, ou seja, o livro de artista único, que não é reproduzido em escala, como os livros convencionais (SILVEIRA 2008; HOULD, 1993). No entanto, acreditamos ser necessário trazer algumas conceituações das variações do livro de artista.

Silveira (2001) afirma que "A *Grande Encyclopédia Larousse Cultural* é o único dicionário que registra o termo livro de artista de 1988 até 1998 e define o livro de artista como obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista e que não se limita a um trabalho de ilustração. Sob a sua forma mais livre, o livro de artista torna-se livro-objeto e este é o objeto tipográfico e/ou plástico formado por elementos de natureza e arranjos variados". Porém, o livro de artista pode designar tanto a obra como a categoria artística (p. 25).

⁸ Tradução nossa: "livre-oeuvre de l'artiste, livre-objet d'art fabriqué manuellement par l'artiste, à exemplaire unique ou tirage très limité, impossible à reproduire mécaniquement. Il y a aussi, selon René Bonenfand (Dans *Livres d'artistes : voyons voir...au Noroît*!), d'autres nombreuses appellations pour cet objet : livre bibliophilique, livre de luxe, livre d'art, beaux-livres, livre-objet, livre unique, etc." (HOULD, p. 17)

Entretanto, foi nos anos 80 que o movimento em torno dos livros de artista tomou grandes proporções. Lawrence Weiner brincou com o grau de crescimento da circulação (dos livros de artista) no final dos anos 80, chamando o fenômeno nos Estados Unidos de “Como é Maravilhoso o Livro de Artista” (p. 31). Durante esse movimento, ficou estabelecida justamente a divisão entre obras que se comportam como suporte e obras que se comportam como matéria plasmável. O primeiro grupo é o das peças múltiplas, impressas, de construção conivente com a tradição, enquanto o segundo caso é formado pelos livros-objetos propriamente ditos, normalmente peças únicas, fortemente artesanais ou escultóricas, muitas vezes se comportando como metáforas ao livro, ou ao conhecimento consagrado, ou ao poder da lei (*idem*).

Apresentam-se aqui os livros de artista recentes e únicos, aqueles de uma só tiragem. Não pretendemos apresentar outras classificações de livros de artista, como o livro-objeto, por exemplo. O objetivo é fazer um foco e aprofundar o trabalho em uma classe: os livros de artista únicos.

No entanto, cabe mencionar algumas percepções históricas quanto ao surgimento desses livros diversos. Características de livros de artista são encontradas desde o século XV. Podemos pensar em Leonardo da Vinci com seus cadernos, executados no século XV e início do XVI, ou ainda os livros de William Blake, publicados entre 1788 e 1821. Porém, é apenas na segunda metade do século XX que esse tipo de obra é legitimada, principalmente a partir da década de 60 (p. 30). Marcel Duchamp, em 1934, fez a *Caixa Verde* (figura 08), que pode ser classificada como um livro de artista, ou melhor, como um livro-objeto.



Figura 08. DUCHAMP, Marcel. *Caixa verde*, 1934.

Fonte: Imagem retirada do livro **A página violada: da ternura a injúria na construção do livro de artista** de Paulo Silveira

Artistas colaboravam com seus desenhos, pinturas, gravuras e fotografias para a ilustração de livros. Alguns teóricos descrevem o livro de artista como livros ilustrados, ou um livro biográfico de um artista. Hould (1993) explica que a expressão 'livro de artista' vem reforçar uma antiga terminologia, a qual explica como uma nova maneira de produzir muito recentes e os quais ela hesita chamá-los "de livro de artista, ou livro ilustrado"⁹ afirmação descreve um problema encontrado em pesquisas sobre o assunto que terminologia 'livro de artista'.

16

Johanna Drucker¹⁰ relata a problemática quanto à esta terminologia. A expressão "livro de artista" tem origem francesa, sendo assim, a sua tradução quer dizer 'livro

⁹ Tradução nossa. Texto original do francês: "Je trouvais que l'expression 'livre d'artiste' venait un peu renforcer une ancienne terminologie qu'on applique maintenant à une nouvelle forme de production de livres, très très récente, et presque inexistente au Québec. Donc, j'ai hésité entre l'appellation "livre d'artiste" et "livre illustré". Entrevista com Chaude Hould, em *Repertoires des livres d'artistes d'oeuvres produites au Québec*, por Annie Molin Vasseur, 1993, p. 17.

¹⁰ A autora é citada por Paulo Silveira em *A página violada* (2008).

ilustrado'. Ou seja, em francês o *livre d'artiste* tem a boa tradução para 'livro ilustrado' e não livro de artista.

Drucker (*apud* SILVEIRA, 2001, p. 37) afirma que o livro de artista que conhecemos hoje em dia se diferencia da idéia de um livro sobre um artista, ilustrado por um artista, ele é hoje um trabalho por completo, uma produção que vai além da ilustração de um texto, ele é a produção final de uma obra de arte. Eles são conceituais, além do físico, "eles são produções mais que criações, produtos, mais visões, exemplos de uma forma." (p. 37)

No Brasil, os pioneiros dos livros de artista foram, sem dúvida, os poetas concretos e neo-concretos como: Lygia Pape, com o *Livro da Criação*, Dillon Filho, com seus livros-poema (1960) e Julio Plaza e o *Livro-Objeto* (editado por Júlio Pacello em 1968). (SILVEIRA, 2001).

Apesar desses achados teóricos ainda são poucas as referências bibliográficas encontradas a respeito dos livros de artista. Além de catálogos de exposições, temos "*Artists' books: a critical anthology and sourcebook*" (1985), uma coletânea de ensaios e artigos sobre o assunto, organizada por Joan Lyons. Temos ainda Riva Castelman com o seu "*A century of artists books*" (1994) e Johanna Drucker com "*The Century of Artists' Books*" (1995). A revista "*Umbrella*", que é publicada, desde 1979, sob a responsabilidade editorial de Judith A. Hoffberg é das mais especializadas publicações sobre o assunto e encontra-se disponível *on-line*.

Lucy Lippard (*apud* Lyons, 1993, p. 45) alerta para o livro de artista como uma exposição portátil: "ao contrário de uma exposição, o livro de artista não reflete opiniões externas, o que permite ao artista lograr o sistema comercial da galeria, como também evitar informação falsa pelos críticos e outros intermediários."

O espaço de exposição da galeria se transfere para o espaço do livro e vem proporcionar uma atitude diferenciada no que se relaciona à exposição e à distribuição da obra de arte, bem como um interesse maior no envolvimento da arte nas questões sociais.



Figura 09. Arthur Barrio¹¹, *Livro de carne*, versão para a XXIV bienal de São Paulo de 1998.
 Fonte: <http://arturbarrio-trabalhos.blogspot.com/search/label/ARTUR%20BARRIO%20%2F%20LIVRO%20DE%20CARNE>

O trabalho de Arthur Barrio (figura 09) é um livro de artista que dialoga com *Voyage à l'intérieur* no sentido da representatividade da obra. O livro do artista é literalmente um pedaço de carne, de matéria, enquanto em *Voyage à l'intérieur* pode-se fazer uma reflexão sobre a capa (vermelha) do livro que representa a carne (no caso o couro), o sangue, a vida, o interior, o calor.

¹¹ O artista brasileiro, Arthur Barrio é uma referência neste trabalho pelas suas produções de livros de artista. *Livro de carne* é exemplo de um livro único, de apenas uma produção / tiragem.

2 TEXTO E IMAGEM: VISUALIDADES NA EDUCAÇÃO DAS ARTES VISUAIS

Na perspectiva que estamos propondo para a construção de alternativas pedagógicas para o ensino das artes visuais na contemporaneidade, o primeiro ponto a ser debatido é o do estatuto da imagem. Iniciamos apoiados em algumas críticas propostas pela cultura visual, quando esta "examina e questiona o papel da imagem na cultura, buscando diluir fronteiras e considerar todos os objetos - e não apenas aqueles classificados como arte - como tendo complexidade estética e ideológica". (DIKOVITSKAYA, 2005 *apud* MARTINS, 2007, p. 36).

Raimundo Martins alerta que a cultura visual "discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura". (2007, p.26). Seguindo esta definição, o livro de artista vincula-se aos propósitos da imagem sob as prerrogativas da cultura visual no que se refere ao espaço que é dado ao sujeito e às suas subjetividades, permeadas, como propõe os pressupostos da cultura visual, pelas culturas. O livro de artista é, então, uma passagem do livro convencional (textual) para um objeto artístico e visual em que o objeto imagético é inserido na cultura contemporânea. O livro de artista além de ser um objeto único, é também uma produção conceitual da arte contemporânea.

A desconstrução de hipóteses normativas é, também, uma das idéias da teoria da cultura visual e o conceito abordado neste trabalho quanto ao livro de artista na arte contemporânea. Reconstruir ou desconstruir significados é um exercício que engloba a articulação de diferentes sistemas de significados de elementos visuais, por exemplo. Assim, a compreensão de uma imagem "pode dizer coisas diferentes a pessoas diferentes em períodos históricos diferentes". (CHANDA, *apud* Ana Mae Barbosa, 2008, p.75).

2.1 - Mas afinal, o que é cultura visual ?

A cultura visual é uma abordagem ainda muito recente, mas que tem avançado no campo da educação das artes visuais com suas contribuições teóricas e metodológicas. Sob a concepção teórica a imagem é examinada e questionada na busca de "diluir fronteiras e considerar todos os objetos - e não apenas aqueles classificados como arte - como tendo complexidade estética e ideológica". (DIKOVITSKAYA, 2005 *apud* MARTINS, 2007, p. 36).

É no pós-estruturalismo que se iniciam grandes mudanças com relação à comunicação na sociedade ocidental. Quando anteriormente havia a tradição da textualidade, hoje inicia-se um pensamento e discussão sobre o visual. Com relação à estas

idéias Martins alerta sobre a 'virada lingüística' que coloca em xeque os pressupostos do estruturalismo como o predomínio da linguagem sobre o pensamento. O autor traz discussões sobre o impacto da imagem e da linguagem na sociedade como algo que vem se transformando. Começa a surgir uma "nova visualidade" e a forma de recepção dessa visualidade é coletiva e consumida pela massa.

Os aportes da teoria pós-estruturalista, largamente utilizados em diferentes áreas/disciplinas das Ciências Humanas e, mais recentemente, no campo da cultura visual, não tratam a desconstrução com um objetivo em si mesmo, mas como uma abordagem flexível capaz de ajudar pesquisadores e professores a rever e reorientar suas perspectivas sobre arte, sua história e suas práticas pedagógicas (MARTINS, 2007, p.34).

O impacto dessas transformações na sociedade é observado, segundo Martins, de maneira positiva, pois há uma ampliação das possibilidades "de relação e diálogo dos indivíduos com a arte, com a imagem e com a cultura visual" (p.34) . Sendo assim a sociedade passa da posição 'solitária' e individual para a coletiva.



Figura 10. *Voyage à l'intérieur*. Livro de artista autoral, 2011. Sherbrooke, (Quebec) Canadá. Fonte: Arquivo pessoal

A cultura visual é o campo transdisciplinar ou pós-disciplinar, é espaço de “convergência que congrega discussões sobre diversos aspectos da visualidade, buscando fomentar e responder questões que se entrecruzam a partir de campos como a história da arte, a estética, a teoria fílmica, os estudos culturais, a literatura e a antropologia”. (MARTINS, 2007, p. 24).

Estas definições sobre a cultura visual são citadas aqui em seu sentido crítico relacionado à visualidade e a imagem na contemporaneidade. Utilizamos destes conceitos

para relacionar algumas idéias paralelas às do livro de artista, em que este passa do seu papel textual para o visual.

Dessa maneira, diferimos o conceito do livro convencional, que se comunica pelo texto, do livro de artista, uma produção plástica e visual contemporânea que se comunica pela visualidade. Em suma, os livros de artista e suas variações são objetos que criticam e comunicam pelo visual, eles vão além do discurso conceitual.

O livro de artista é o objeto analisado/observado na contemporaneidade em que sua base conceitual segue paralela à teoria visual no sentido da percepção em sua dimensão cultural. Neste sentido, o livro de artista como objeto de criação, apresentado na metodologia de ensino deste trabalho, segue uma análise no seu sentido visual pela percepção.

2.2 - A leitura visual / leitura de imagem

Falar de livro de artista como obra de arte por si só nos remete ao conceito de leitura de imagem ou leitura visual. Quando diferimos um livro convencional e textual de um livro de artista, mais visual e plástico chegamos à idéia de que este último também pode ser lido, no entanto, de maneira pouco convencional. Lemos uma imagem ou um objeto descrevendo-o, elaborando uma relação crítica e analítica do que observamos.

A prática de leitura de imagem é uma expressão discutida por autores e teóricos, principalmente da área de comunicação e arte. Ela surge por volta da década de 1970 com a explosão dos sistemas audiovisuais, sendo estudada na psicologia com as teorias da *Gestalt* e da semiótica em que a imagem se constitui na percepção. "Nessa concepção, a imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos e sua leitura demanda compreensão desses códigos. Essa abordagem de 'ensinar a ler' os dados visuais foi influenciada pelo teórico Rudolf Arnheim (1980)". (SARDELICH, 2006).

Aqui, entretanto, essa questão será discutida a partir das idéias pós-estruturalistas, em que a visualidade na cultura contemporânea tem seu papel signifiante, passando do textual para o visual, pensamos na necessidade de uma nova alfabetização, a visual.

Neste sentido, Mitchell descreve a 'virada pictórica' como:

o reconhecimento de que o ato do espectador / interprete (olham gaze, relance, práticas de observação, vigilância e prazer visual) pode ser um problema tão profundo quanto as

várias formas de leitura (decifração, decodificação, interpretação, etc.) e que a experiência visual ou 'alfabetização visual' (*visual literacy*) pode não ser totalmente explicável através do modelo da textualidade (MITCHELL, 1995, p.16 in MARTINS, 2007 p.26).

A experiência visual alcança uma percepção mais profunda em que a interpretação é diferenciada, ela seria uma leitura visual. Neste sentido, a percepção e interpretação de uma imagem dependem do contexto histórico e cultural em que o observador e a imagem encontram-se para que possam ser estabelecidos significados. É quando a imagem se desprende de seu contexto que ela se torna autêntica, original.

Buck-Morss (*apud* Martins, 2007) exemplifica esta situação e analisa que durante muito tempo as aulas de história da arte têm sido, na verdade, um estudo visual das imagens, pois o que era (e ainda é) apresentado aos alunos é a reprodução de uma obra, ou seja, uma imagem. Esta reprodução é exposta em um contexto determinado, seja por um retroprojektor, seja dentro de um livro de história da arte.

A percepção da imagem acontece diferenciadamente por aqueles que olham e observam esta imagem, cada qual em seu contexto, seja dentro da sala de aula, seja no museu vendo a obra em si. Uma percepção diferenciada transforma a interpretação em algo mais denso e complexo. "A imagem, assim como método científico, é ideológica e, portanto, liga contextos e significados na experiência, sejam eles político, religioso, psicológico, econômico ou social" (MARTINS, 2007, p.30).

Silveira critica as expressões tais como 'leitura de imagem' e 'leitura de obra de arte', pois para ele: "se o ato de perceber a obra plástica pode (grosseiramente) oscilar do contemplativo para o legível, a leitura e a linguagem não seriam mais plenas quanto mais distantes da contemplatividade? Ou seja, essa aplicação da mente em reflexões abstratas não seriam um tipo de fuga da linguagem 'legível' (com códigos claros, convencionais etc) ?" (2008, p. 21).

Seguindo essas reflexões, o autor propõe a presença da narrativa na obra de arte. Isto, pois em suas pesquisas de doutoramento apresenta o livro de artista em série, aquele de múltiplas tiragens (impressões), o que vai levar a produção de livro de artista em série, ou seja, vários exemplares da mesma produção. Dessa maneira, o autor precisa definir como o termo 'narrativa' é aplicado em seu trabalho. "O termo é facilmente entendido no campo literário como 'a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem, e mais particularmente da linguagem escrita', como criticamente alertado por Gérard Genette (1973, p.255).

A CRIAÇÃO DO LIVRO ÚNICO - O SUJEITO (ALUNO) QUE FABRICA

A identidade nunca foi fixa e nunca será, pois a
identidade nunca adere a uma forma absoluta.
'Identidade sempre pressupõe relação com outros.
(Popastergiadis, 2000, *apud* Chalmes).

Com base nas teorias, questões formuladas e discutidas, experiências em sala de aula e ainda nos conceitos trazidos para esse estudo, propomos, a seguir, uma oficina de artes visuais cujo eixo central está estabelecido no tema: Livro de Artista.

3.1 Resumo da proposta

A proposta da oficina é fruto de uma experiência iniciada na disciplina de Estágio obrigatório III do curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília. Durante o estágio foram executadas algumas das proposições feitas para este trabalho, como a criação de um livro de artista único a partir de atividades de colagem.

Dentre os objetivos da oficina está a criação de um livro de artista individual. As aulas ocorrerão em um ateliê-oficina de ensino das artes visuais, podendo ser desenvolvidas na grade curricular da escola em que as aulas aplicar-se-ão, em um museu ou em uma galeria de arte.

O público-alvo da oficina são alunos da educação básica da faixa etária de 13 a 15 anos. Os alunos produzirão um objeto "identitário", autoral e singular. O livro de artista único, como o nome já diz, é aquele livro que tem uma só tiragem, ele é singular e carrega particularidades quanto à sua produção, conteúdo, conceito, material, formato, publicação, entre outros. Essas peculiaridades definem o livro de artista em um objeto de arte em que a textualidade torna-se muito mais visual. O livro de artista passa a ter seu caráter imagético mais influente do que a escrita. É este quesito particular que torna o livro um objeto de arte. O livro único, é então, um objeto conceituado (SILVEIRA, 2008).

A oficina prática será realizada após a contextualização sobre o tema, exposição de imagens de livros únicos, além de objetos que possam ser manuseados e uma reflexão crítica sobre o livro de artista. O objetivo é levar aos alunos a contextualização sobre esta linguagem artística por intermédio das suas próprias narrações visuais.

A parte prática das aulas toma como base numa experiência de ensino proposta por Betty Leiner, na qual convidou seus alunos a fazerem recortes de revistas para a construção

de um trabalho escolar. A proposta pedagógica deste TCC parte da idéia de Betty no sentido em que os alunos deverão realizar um trabalho de colagens para a confecção de seus livros.

Para a execução dos livros singulares será necessário trabalhar com os alunos vários conceitos e processos de criação e construção do livro único, ou singular. Sendo assim, a realização das páginas dos livros seguirá com a técnica de colagem. Usaremos idéias de Betty Leiner, em que não será permitido o uso de imagens prontas para as colagens. O aluno deverá abstrair as imagens e usar apenas pedaços de papéis coloridos para a execução das atividades personalizadas. (BARBOSA, 1998, p.144). A idéia é re-significar a imagem. Utiliza-se da imagem pronta (recorte de revistas e jornais, por exemplo) para a construção de um outro significado, outra produção.

Outra referência para a oficina é a obra *A//* de Luciana Paiva. Ela faz seus trabalhos em uma linguagem poética contemporânea em que a palavra, a imagem, a poesia e o livro de artista muito estão presentes.

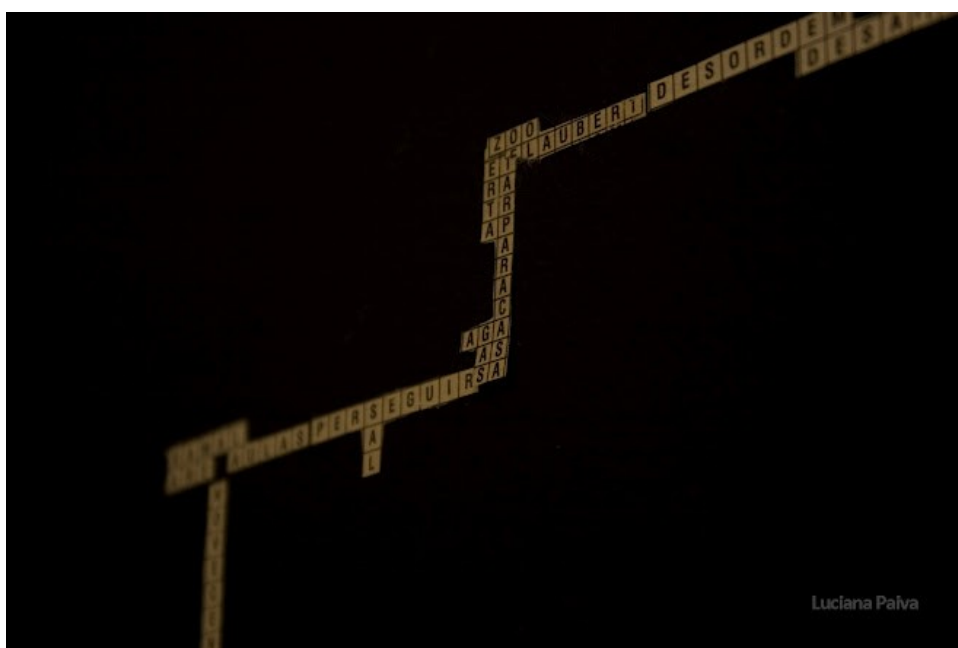


Figura 11. Paiva, Luciana. *A//*, 2010. Galeria Espaço Piloto.
Fonte: <http://lucianap.blogspot.com.br/p/2010.html>

A// foi um trabalho da artista construído na própria parede da Galeria Espaço Piloto - UnB, onde Luciana Paiva colou recortes de caça-palavras. O resultado foi uma grande colagem de caça-palavras em um fundo negro, formando uma imagem abstrata. Esta imagem fora percebido como um desenho com linhas feitas de palavras que se encaixavam, se sobrepunham e que formavam poesias.

3.2 Detalhamento da Oficina

A proposta da oficina é que ela possa ser executada no ambiente escolar durante um trimestre letivo.

a) Carga- Horária:

As atividades serão divididas em dois encontros semanais, sendo cada um de 2 horas, totalizando 4 horas semanais. Em cada semana os alunos deverão executar uma atividade específica que ao final irá compor o livro único.

b) Objetivo geral:

Produzir um livro auto-biográfico único.

c) Objetivos específicos:

- Identificar elementos teóricos e materiais do livro de artista.
- Aplicar narrativas visuais na leitura e produção do livro de artista
- Elaborar o livro de artista a partir dos conceitos e técnicas estudadas.

d) Metodologia:

Para a realização do primeiro momento da oficina pretendemos realizar leituras de imagens, seguidas de um *breinstorming* para ajudar a identificação de um tema e de um possível título para a criação do livro único. Neste momento, os alunos farão uma reflexão pessoal de interesses que os circulam. Como o aluno se identifica? Quais são seus sonhos e desejos? O que o afeta positivamente e negativamente? O que e/ou quem o faz vibrar?

Seguindo as atividades no contexto afetivo a oficina será realizada com o objetivo cognitivo. Quanto ao desenvolvimento cognitivo de adolescentes de 13 a 15 anos de idade, espera-se, segundo Oliveira¹², que indivíduos dessa faixa etária desempenhem atividades bastante articuladas e complexas como analisar e criticar obras de arte. Isto pois, são considerados sujeitos plenos de racionalidade. (OLIVEIRA, 2006)

Sendo assim, será proposto aos alunos que iniciem as atividades específicas de colagens, as quais exigem exercícios de recortes de imagens e palavras. Dessa maneira, as

¹² Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21.pdf>

atividades de corte e colagem requerem um grau avançado de desenvolvimento psicomotor do aluno, o que não parece ser atividade cognitiva e psicomotora demasiada complexa para os alunos da faixa etária escolhida. Não há problema em relacionar as atividades propostas à alunos especiais. No entanto, caso seja o caso de haver algum no grupo, este(s) seguirá(ão) seu ritmo e seu grau de desenvolvimento, o que acarretará análise e estudo do nível de desenvolvimento cognitivo e psicomotor do aluno antes do início da prática para que ocorra uma adaptação nas atividades.

O livro auto-biográfico único será construído a partir da realização semanal de atividades específicas.

As atividades específicas são de colagens contendo diferentes técnicas contendo referência da poesia-concreta e colagens mistas contendo pintura e desenho. Para a realização dessas atividades semanalmente serão necessários materiais simples e de uso comum como cola, tesoura sem ponta, papel A4 branco, revistas, jornais, cartões postais, livros velhos, panfletos, catálogos de arte, tinta acrílica, pincel, lápis carvão, entre outros. O lugar para realização das atividades pode ser em um ambiente convencional da sala de aula, em um ateliê de artes, ou mesmo ao ar livre para a realização dos *breinstormings*, por exemplo.

As aulas práticas serão dedicadas, primeiramente à preparação do material para a confecção do livro único de cada aluno. Eles deverão perfurar as bordas esquerdas dos papéis que serão as páginas do livro para que cada uma seja composta por uma criação de colagem. A estrutura do livro será feita com a costura japonesa.



Figura 12. Costura japonesa.¹³

Fonte: <http://manufatos.blogspot.com.br/2009/01/pra-comear-bem-o-ano.html>

¹³ A costura japonesa é uma técnica de encarnação. Pela sua simplicidade de execução, esta foi a escolhida para a confecção do livro singular na oficina de artes visuais aqui proposta.

Com a estrutura pronta os alunos começam a criar seus livros com desenho e pintura mescladas à colagem. As duas primeiras atividades de colagem serão referenciadas na poesia concreta, ou seja, os alunos deverão compor imagens com letras e palavras. Estas atividades requerem domínio psicomotor para recorte e colagem de letras e imagens. A primeira atividade será a composição de uma imagem por palavras e/ou letras. A segunda será a reconstrução de imagens prontas, mas contendo também palavras e/ou frases. A terceira atividade exigirá do aluno que faça uma composição mista de colagem e pintura. A quarta atividade terá a mesma idéia da terceira, porém a mescla será feita com a técnica de desenho.

As atividades seguirão de acordo com o cronograma descrito. Para a finalização do livro e montagem da capa e contracapa serão necessários materiais como: papel *canson* A4, papel panamá 3 milímetros, cola, tesoura, régua, lápis e fita de cetim. Para as atividades das páginas dos livros os alunos precisarão de materiais como papel *canson* A4, lápis B2 e B3, tinta acrílica, pincéis, jornais, revistas, cartões postais, fotografias, entre outras imagens e materiais específicos dependendo da necessidade dos alunos.

Ao final da realização das atividades meio serão reservadas 2 aulas (4 horas) para a confecção final do livro com a técnica de costura japonesa.

e) Resultados esperados

As atividades totalizarão um conjunto de trabalhos para a composição das páginas do livro único. Sendo assim, os alunos terão ao total um livro com uma média de 24 páginas, alguns executarão mais páginas, outros menos.

f) Avaliação

A avaliação das atividades será feita semanalmente pela professora e pelos alunos juntamente. Esperamos que os alunos alcancem objetivos específicos em cada atividade, sendo assim, cada uma será avaliada pela sua complexidade, composição, técnica e criatividade.

Depois da composição técnica final dos livros haverá uma breve exposição individual em que os alunos deverão apresentar seus livros auto-biográficos únicos explicando o tema, as escolhas feitas e o que mais eles acharem relevante. Assim eles darão suas opiniões e farão uma auto-avaliação quanto à realização do livro auto-biográfico único. Após a auto-avaliação os livros serão apresentados em uma exposição na escola, em uma galeria de arte, em um museu, ou outro ambiente artístico disponível.

3.3 - Detalhamento das atividades - Cronograma

Horário	Atividade	Observações
Semana 1 2 aulas de 2h (cada) Total = 4h	Apresentação teórica em Power point: livro e livro de artista. Apresentação palpável de livros de artista. Proposta da atividade e demonstração do livro único realizado.	A aula pode ser dentro de um museu, ou dentro da sala de aula. Caso não seja possível conciliar uma exposição de livro de artista com a oficina outros recursos serão aplicados como a exposição de livros autorais e convites de artistas que possam contribuir com a exposição de livros de artista, como o caso do projeto <i>Biblioteca de Bolso</i> .
Semana 2 2 aulas de 2h (cada) Total = 4h	Aula teórica e prática. <i>Breinstorming</i> sobre a escolha da composição do livro único, das imagens e tema/título. Qual técnica de finalização, material utilizado, etc?	Neste momento serão expostos livros feitos com técnicas diferentes como a encadernação japonesa. Este tipo de acabamento deverá ser pensado desde o início da oficina.
Semana 3 e 4 4 aulas de 2h (cada) Total = 8h	Aula prática. <u>Técnica mista</u> com colagem de imagens e palavras. Poemas, frases, palavras aleatórias. (jornal, revista, cartão postal gratuito, panfletos, etc)	Esta aula terá como referência as técnicas já mencionadas de Betty Leiner. Ao mesmo tempo em que os alunos realizam seus livros serão reforçadas as idéias da artista.
Semana 5 e 6 4 aulas de 2h (cada) Total = 8h	Aula prática. <u>Técnica mista</u> com colagem de imagens, palavras e outra técnica como desenho.	Ao longo da oficina o aluno poderá mesclar outras técnicas como desenho, pintura, impressão, entre outras.
Semana 7 e 8 4 aulas de 2h (cada) Total = 8h	Aula prática. <u>Técnica mista</u> com colagem de imagens e palavras e outra técnica como pintura.	As atividades serão acompanhadas praticamente individualmente, pois neste estágio prevê que cada aluno segue em seu ritmo e realiza uma técnica diferente da desenvolvida por outros alunos.
Semana 9 e 10 4 aulas de 2h (cada)	Finalização das práticas realizadas.	Registro dos trabalhos (fotografias) e montagem da capa do livro único.

Total = 8h		
Semana 11 2 aulas de 2h (cada) Total = 4h	Finalização do livro único.	Montagem do livro com técnica japonesa.
Semana 12 2 aulas de 2h (cada) Total = 4h	Avaliação final. Auto-avaliação feita em uma roda de círculo com conversa entre alunos, auto-avaliação e análise da atividade realizada no trimestre.	
Semana 13	Exposição dos livros	Montagem da exposição com ajuda dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é a conclusão da minha trajetória artística e acadêmica na Universidade de Brasília. As questões levantadas aqui já foram discutidas em trabalhos anteriores em outros países, além do Brasil, como França e Canadá. Sendo assim, por se tratar de uma segunda formação na Universidade de Brasília, sendo a primeira graduação em Bacharelado em Artes Plásticas e ainda por se tratar de um trabalho que conclui e mescla experiências acadêmicas e profissionais em países estrangeiros é que este trabalho fora apresentado de caráter educativo. Dessa maneira, desenvolver um trabalho educativo em Artes Plásticas é mais do que uma motivação pessoal e profissional, trata-se de uma contribuição acadêmica e metodológica sobre o tema que pouco é discutido nas artes visuais: o livro de artista e a poética.

Este trabalho me ajudou a desenvolver importantes reflexões e questões para meus conhecimentos acadêmicos e experiências educativas. Pesquisar e experimentar projetos sobre o livro de artista foram momentos de muita satisfação e motivação. Por essas razões, o meu interesse sobre o tema mostra-se apenas em suas primeiras páginas, mas que ainda terão muito a ser explorado e desenvolvido.

Por se tratar de uma proposição pouco explorada, o livro de artista é uma linguagem que ainda tem muito a ser discutido e desenvolvido no Brasil e nas pesquisas de Artes Visuais. Por essa razão que este trabalho não se finda aqui, ele é apenas o início de uma proposta a ser aprofundada futuramente.

BIBLIOGRAFIA

ALIX, Sylvie. **Repertoire des livres d'artistes au Québec 1993 – 1997**. Montreal: Biblioteca Nacional do Quebec, 1999.

BARCHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris: Ed. PUF, 1958.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998

_____. (Org.). **Arte/Educação contemporânea. Consonâncias Internacionais**. -2. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

BASBAUM, Ricardo. **Arte Contemporânea Brasileira - texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

BUTOR, Michel. **À propos du livre d'artiste come oeuvre d'art** : Entrevista com o escritor Michel Butor, **Vie des arts**, nº 153. p. 34.

CALDAS, Waltercio. **Livros**. Catálogo publicado por ocasião da exposição Livros. Rio Grande do Sul: MARGS. São Paulo: Pinacoteca, 2002.

CHANDA, Jaqueline. **Teorias críticas em História da Arte: novas opções para a prática de Arte-Educação**. Tradução de Ana Amália Barbosa e Jorge Padilha in **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais** de Ana Mae Barbosa. -2. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. "Outros Espaços". In: **Ditos & Escritos**. v. III, Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ORTHOF, Gê e DIAS, Karina. **A Morada do Íntimo**. Disponível em: < arte.unb.br/7art/textos/ge_karina.pdf > Acesso em: 20.12.2008.

HOULD, Claudette. **Répertoire des livres d'artistes au Québec 1981-1990**. Montréal: Biblioteca Nacional do Quebec, 1993.

HOULD, Claudette. **Répertoire des livres d'artistes au Québec 1900-1980**. Montréal: Biblioteca Nacional do Quebec, 1993.

JUNQUEIRA, Fernanda. Sobre o conceito de instalação. **Revista Gávea**, Rio de Janeiro, n.14, p. 551-569, setembro 1996.

LYONS, Joan (Ed.). **Artists' Books: A critical Anthology and Sourcebook**. New York: Visual Studies Workshop Press, 1993.

MAISON, Anne-Laure. **Tableaux d'intimités**. [online]. Disponível em : <<http://www.annelauremaison.com/>>. Acesso em 22.03.2011.

MAXADO, Franklin. **Cordel, xilogravura e ilustrações**. Editora Codecri: Rio de Janeiro, 1982.

MOEGLIN-DELCROIX, Anne. **Livres d'artistes**. Paris: B.P.I. Centre Georges Pompidou et Éditions Herscher, 1985.

_____. **Esthétique du Livre d'artiste. Une introduction à l'art contemporain**. Marseille: Le Mot et le reste. Obra co-editada com a Biblioteca Nacional da França, 1997.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

ORTHOFF, Gê e DIAS, Karina. **A Morada do Íntimo**. [online]. Disponível em: <arte.unb.br/7art/textos/ge_karina.pdf>. Acesso em: 20.12.2008.

PANEK, Bernadette. **O livro de artista e o espaço da arte**. [online]. In: Anais: III Fórum de Pesquisa Científica em arte. Curitiba, 2003, p. 9. Disponível em: <<http://www.anais.embap.br/forum2005-2006/Textuais/005%20Bernadette%20Panek.pdf>>. Acesso em: 02/11.2011.

SALZSTEIN, Sônia. **Livros, superfícies rolantes**. In: CALDAS, Waltercio. Livros. Catálogo publicado por ocasião da exposição Livros. Rio Grande do Sul: MARGS. São Paulo: Pinacoteca, 2002.

SILVEIRA, Paulo. **A Página Violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

_____. **Arte, comunicação e o território intermidial do livro de artista**. [online]. 2004. Disponível em: <http://www.corpos.org/anpap/2004/textos/chtca/paulo_silv.pdf>. Acesso em: 02/11.2011.

VILARINHO, Sabrina. **Poesia concreta**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/poesia-concreta.htm>>. Acesso em: 02.11.2011.

WAJCMAN, Gérard. ***Fenêtre – Chronique du Regard et de l'intime***. 2004.
ZANINI, Walter. **Contribuição ao nível do objeto e da arte desmaterializada**. In:
História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983. v.2.

ANEXO

Relatório final - Estágio III

As regências de estágio supervisionado III foram ministradas às segundas-feiras, do dia 26 de setembro ao dia 05 de dezembro do ano de 2011 com uma duração de 20 horas. No entanto, não foi possível seguir uma rotina de aula em todas segundas, pois de acordo com o calendário da escola havia outras programações previstas e imprevistas como recesso, avaliação e reunião de pais.

O estágio foi feito na Escola Parque 308 sul para duas turmas diferentes, da 5ª série do ensino fundamental. A escolha para a realização do estágio nesta escola foi feita com o intuito em dar continuidade à pesquisa já iniciada ali, nas disciplinas de estágio I e II. Outro motivo pela escolha está relacionado aos estudos da estagiária que foram realizados no ensino fundamental nesta mesma escola, onde se iniciou o seu interesse pelas artes visuais.

A Escola Parque 308 sul por se tratar de uma escola modelo de Brasília atende às demandas físicas necessárias e básicas para que as aulas sejam bem ministradas. Quanto às salas de aula estas são bem adequadas às atividades propostas pela escola. Dentro das salas de Artes Visuais, há mesas e cadeiras (em bom estado), janelas e pias grandes para a lavagem de materiais.

Tendo em vista que a escola oferece diversas atividades aos alunos - como Educação Física, Artes Visuais, Teatro e Música – percebi que os espaços físicos para a realização das disciplinas oferecidas pela Escola eram adequados para as atividades.

Com relação à receptividade dos funcionários da escola para a realização do estágio observa-se que todos, desde a porteira à diretora, foram sempre muito educados, interessados na formação da estagiária e atenciosos. Somente no início da primeira aula a ser ministrada pela estagiária é que se pôde conversar com a professora regente das turmas. Esta se encontrava de atestado médico antes do início das aulas.

A professora também se interessa no programa das aulas realizadas de estágio. Ela apresenta a estagiária às turmas, mostra os locais onde estão os materiais necessários e logo sai da sala para que as aulas com a estagiária se iniciem.

As duas primeiras aulas foram ministradas com apoio do equipamento *dotashow* para as apresentações de imagens pelo *software PowerPoint*. Alternavam-se imagens e perguntas no momento da apresentação. Os alunos se mostravam interessados, encantados com as figuras e motivados para a execução da atividade.

As aulas seguintes se iniciam com a escolha de uma palavra por cada aluno e questionamentos quanto ao seu conceito. Os alunos iniciam os recortes de imagens e palavras para a montagem da primeira atividade. Alguns encontram dificuldade em relacionar a palavra escolhida com imagens pesquisadas em revistas, jornais e cartões-postais. Sendo assim, estes mudam as palavras e continuam a atividade. De maneira geral a atividade parece ser prazerosa para alguns, mas difícil para outros, pois estes não têm paciência para recortar as imagens e nem as letras para a composição da colagem.

Cada atividade proposta de colagem foi realizada em uma média de duas aulas, sendo que cada aula é de 1h10. Sendo assim, o programa das aulas foi modificado e simplificado, pois se observou que não haveria tempo suficiente para a realização de todo o conteúdo planejado. Seguiu-se então, com apenas duas variações de colagens: uma relacionando imagem e palavra e a outra com base na poesia concreta, em que os alunos deveriam criar imagens a partir de palavras e frases.

Pede-se aos alunos que façam colagens de imagens e palavras, de maneira em que estas se relacionem. Apenas uma palavra será trabalhada como foco principal. No entanto, sinônimos, frases e outros elementos que se relacionam com esta palavra são aceitos para a composição dos trabalhos.

Muitos alunos faltam às aulas e o trabalho tem que ser direcionado individualmente para que este possa acompanhar as atividades propostas aos alunos. Por este motivo as atividades são ainda mais atrasadas.

Nas duas últimas semanas de aula os alunos encontram-se desmotivados e desinteressados em realizar as atividades e apenas se preocupam com as notas. Outros se recusam a terminar as atividades visto que já teriam a nota média exigida para a disciplina.

Neste momento acontece então uma breve conversa com os alunos. Além da explicação sobre a importância das artes visuais para formação do indivíduo, são dados exemplos sobre a formação e a profissão do artista plástico. Os alunos compreendem o contexto das artes na vida e formação do indivíduo e acabam interagindo de maneira intensa na conversa, o que acaba sendo inspirador e motivador para alguns alunos e gratificante para a estagiária.

Apesar desta conversa positiva, infelizmente não foi possível terminar as atividades planejadas. Pretendia-se formar com os exercícios um livro único com os alunos. Esta criação estava prevista para o último dia de aula, pois sendo assim previa-se que as atividades estariam prontas para a encadernação. Devido aos imprevistos das duas últimas aulas esta finalização não foi possível, pois os alunos tiveram que apresentar uma peça de

teatro no auditório e no segundo momento eles foram dispensados para que acontecesse a reunião de pais e mestres.

O penúltimo dia de aula é a avaliação dos alunos junto com a professora. Esta precisa fechar o diário e ainda 'dar' nota para alguns que precisam passar de ano. A professora explica que mesmo sabendo do comportamento inadequado de alguns alunos e da baixa produtividade com relação às atividades realizadas ela não pretende reprová-los, pois sendo assim ela não terá que permanecer com estes alunos para recuperação nem no próximo ano.

A professora relata que se ausentou da escola, por meio de atestados médicos, por causa de alguns alunos. Ela diz não conseguir se adaptar com os adolescentes e que encontrou muita dificuldade em dar continuidade às aulas desde a mudança das séries de alunos freqüentes da Escola Parque, que passou do ensino fundamental inicial para atender também os alunos da rede pública de séries finais do ensino fundamental.